

Considerações e reflexões sobre Clóvis Moura: Um intelectual que não deveria ser mas foi. Que não deveria existir, mas existiu...¹

Christian Ribeiro²

*“Zumbido, com suas negrices
Vem há tempo provocando discussão
Tirou um samba e cantou
Lá na casa da Dirce outro dia
Deixando muita gente de queixo no chão
E logo correu que ele havia enlouquecido
Falando de coisas que o mundo sabia
Mas ninguém queria meter a colher
O samba falava que nego tem é que brigar
Do jeito que der pra se libertar
E ter o direito de ser o que é*

*Moleque vivido e sofrido
Não tem mais ilusão
Anda muito visado
Por não aceitar esta situação
Guarda com todo cuidado
E pode mostrar a vocês*

¹ Artigo desenvolvido a partir da comunicação apresentada a mesa 3 “Clóvis Moura e o Pensamento Social”, do “Seminário 20 anos sem Clóvis Moura” realizado na UNICAMP, no auditório Fausto Castilho no dia 22 de novembro de 2023. In: <https://www.youtube.com/watch?v=x4fb8g7lxm8&t=3s>

² Doutor em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP. Professor titular de Sociologia da SEDUC-SP, pesquisador das áreas de negritudes, movimentos negros e pensamento negro no Brasil. Membro do grupo de pesquisa “Pensamento social: contextos, instituições, intelectuais e movimentos” do IFCH/UNICAMP.

*As marcas deixadas no peito
Que o tempo não quis remover
Zumbido é negro de fato
Abriu seu espaço
Não foi desacato a troco de nada
Só disse a verdade sem nada temer.”*
(“Zumbido” Paulinho da Viola)

1-) Introdução: Um intelectual chamado Clóvis Moura.

Clóvis Moura (1925-2003) foi um intelectual de rara e preciosa estirpe, ao exercer o seu ofício a partir de um compromisso inabalável na busca em compreender as contradições e incompletudes da sua sociedade, não por um viés ou recorte de teor elitista ou conservador. Mas sempre optando por uma problematização histórica e teorização social a partir das historicidades que se desenvolvem nas, e pelas, camadas populares.

Pensata e práxis intelectual, que se moldou pela (re)descoberta e (re)valorização da importância de cânones históricos, sociais, políticos e culturais das coletividades negras, em suas insurgências, revoltas e rebeliões de viés popular. Tradicionalmente não legitimados pelos padrões hegemônicos de um país tão desigual - e discriminatório - em suas relações estruturais.

Exemplo de insolência e coragem de um pensador social que não deveria existir e nem ser, mas que existiu e se fez enquanto encarnação de uma independência contumaz no exercício de suas análises e problematizações (MALATIAN, 2018/2019). Intelectual de formação não acadêmica ou institucionalizada, um livre pensador que nunca se coadunou aos rigores classistas e elitistas, que acabam por reger os alcances dos exercícios tanto da historiografia, quanto do pensamento social brasileiro (MOURA & GORENDER, eat al., 26/08/1988a, 26/08/1988b, 26/08/1988c. MOURA; KRENAK, eat al., 27/11/1984).

Moura foi aquele que não tinha medo em exercer o papel de desafiador do coro dos contentes, aquele que aponta o rei nu da normatividade hegemônica discriminatória brasileira em meio a nossa cena histórico-social tão dispare e contraditória. Numa sociedade estruturalmente alienante, fundada e desenvolvida para manter os privilégios *dos de sempre*, de geração em geração. Para que tudo nada mude, sempre em ilusão cidadã e civilizatória, para tudo permanecer como sempre foi. Na permanência de uma constante exclusão de direitos, que não questiona, não abala os alicerces de opressões e conservadorismos do conjunto de relações sociais de poder no Brasil.

Mesmo que por vezes - muitas vezes - acabasse por entrar em conflito aberto ao que se tinha enquanto padrão de exercício intelectual. Sempre procurou colocar ao centro da nossa história os processos de resistências e conjunto de saberes populares, em especial aos originários das populações negras.

Ao utilizar a metodologia marxista de análise histórica e social, realizou uma nova interpretação de nossa construção enquanto nação incompleta, em que não negava a luta de classes no Brasil. Mas a reposicionava, e a potencializava, teórica e epistemologicamente, situando-a enquanto decorrente, originária, da especificidade formativa brasileira de sociedade em que a escravidão é o elemento basilar de nossos conjuntos discriminatórios e de desigualdades socioeconômicas. Tendo o racismo em suas mais variadas formas e manifestações, enquanto o fenômeno sociológico que comprova e atesta o seu conjunto teórico.

Por essas nuances e trilhas, Moura foi aquele que criou e percorreu os seus próprios caminhos epistemológicos e políticos, na busca por sua construção radical de autonomia intelectual, sem concessão para pedágios ou desvios. Sem conivência para acordos e conchavos que fossem contra suas premissas de pensata libertária, mesmo que em meio a esse processo acabasse sendo tolhido em seu devido e merecido reconhecimento, enquanto intelectual de primeira monta que foi ao longo de toda a sua jornada.

Desde o Brasil colonial e imperial, até nosso republicanismo oligárquico e conservador, nada escapou do olhar crítico mouriano. Ao propor sermos uma sociedade dialeticamente cindida, marcada, a partir de uma origem social discriminatória por um racismo e racialismo fundante. Endêmico, no sentido estruturante de sua permanência e constância enquanto elemento definidor do ethos característico de nossas relações sociais. Que ganham novos sentidos e potências, de exclusão-alienação ao longo de nossas diferentes fases históricas de transformações sociais e políticas. Em que as resistências negras populares exercem papel decisivo para rompimento dessa nossa normativa excludente civilizacional (MOURA, 09/11/1984).

O que para a época - entre as décadas de 1940 e 1950³ - foi tratada, mesmo entre o campo intelectual progressista, como uma verdadeira heresia, dissociada de qualquer traço de realidade e objetividade.

Tais ponderações e recortes acerca do escopo de Moura, não ocorre com intenção de adulação ou heroísmo, visto que todo processo de constituição acerca de uma trajetória de vida se faz a partir de contradições, divergências e conflitos. E a construção da epistemologia mouriana não se deu de forma diferente. Esse estudo se dá, enquanto consequência de se buscar problematizar e tornar público, a existência dessa forma de pensata social radical não linear e revolucionária. Que foge ao tradicionalismo alienante e conservador que se fazia comum ao conjunto do universo do pensamento social no Brasil. Em que seu autor [Moura] - assim como a sua obra - não buscava se postular tal qual um intelectual imaculado, infalível e harmonioso a serviço dos interesses opressores de nossas elites (OLIVEIRA, 2019).

³ Em que o lançamento da edição original de "Rebeliões da Senzala" em 1959 - que já estava pronto a espera de ser publicada desde final da década anterior - sintetiza todo um conjunto de pesquisas, estudos e [em]debates realizados por Moura desde os primeiros anos 1940. Que foi lapidado e transformado no livro que se faria base referencial de toda a sua obra, dali por diante.

2-) Clóvis Moura, um intelectual de trajetória para além da ortodoxia intelectual.

Desde a primeira década dos anos 2000, ocorre um processo de resgate da trajetória intelectual, e acerca da fortuna crítica, de Clóvis Moura. Através da reconstrução, valorização e destaque da sua especificidade epistemológica e organicidade conceitual em seu processo de interpretação-problematização histórica e social do Brasil. Nos revelando sua condição de um autor de olhar esmiuçado aos detalhes - mas de ampla análise - sobre nossas características sociais fundantes de cunho reacionário e discriminatório.

Intelectual que sempre buscou decifrar nossa incompletude enquanto nação, no sentido de sermos o resultado consciente de um projeto político de poder e exclusão elitista e racista. Geradora de um modelo civilizacional de cidadania falha e inconclusa, para se manter inalterado nossos conjuntos relacionais de poder e opressão. Assim, confrontando e expondo – história e sociologicamente – a falácia historiográfica de que nosso atraso enquanto país se dava pelos elementos biológicos, culturais e sociais de origem africana e indígena.

Dono de uma obra e trajetória intelectual que nunca se postou por sua conformidade de legitimação aos padrões sociais e ideológicos vigentes em nossa sociedade. Sem se importar e para além dos jogos de prestígio e legitimação característicos dos cânones institucionais do pensamento social no Brasil e de sua intelectualidade hegemônica. Se constituiu e atuou publicamente enquanto um intelectual de formação não acadêmica, fora dos bancos universitários ou faculdades.

Artesão de uma obra original e contestadora, tanto conceitualmente, quanto em práxis. Por um processo de aprendizado autônomo e libertário - tão crítico e rigoroso quanto sua contraparte institucionalizada – radicalmente compromissada em construir para a superação das mazelas sociais e históricas de nossa sociedade. Num contraponto ideológico em relação a qualquer tipo de pretensa e falsa neutralidade científica. Que ao seu final sempre acaba por legitimar e reproduzir os

nossos instrumentos ideológicos de controle social, político e econômico (RIBEIRO, 2023; MUNANGA, 2014; MOURA, 1978; TRINDADE, 1961).

O que no Brasil acarreta a manutenção contemporânea de nossa origem estamental escravocrata e autoritária, adaptada e inserida à ordem social republicana de capitalismo periférico que se instaura no país desde final do século XIX, de marginalização e exclusão as classes sociais populares enquanto eternas subalternas e excluídas dos processos decisórios e gestores de poder.

Não sendo acaso que Moura tivesse por décadas seus estudos e caminhada intelectual desvalorizada ou renegada. Pelo seu caráter de dupla contestação e afronta, ao se dar de forma intencional para fora das normativas sistêmicas e além dos interesses hegemônicos e institucionais que se dão a partir de nosso tradicionalismo intelectual discriminatório e elitista.

3-) Práxis e legado intelectual de Clóvis Moura e a superação das barragens e clivagens intelectuais sistêmicas na academia brasileira.

A obra mouriana não poderia ser tolerada, aceita ou reproduzida. Por isso acabando relegada a reconhecimentos isolados e restritos ao universo político e cultural que se davam em torno do Partido Comunista Brasileiro [PCB] nos anos 1950 e 1960, ou de algumas figuras intelectuais⁴ que tiveram contato direto ou indireto ao seu arcabouço conceitual e epistemológico.

Desse modo, não fazendo parte das grades curriculares dos cursos de graduação universitários. O que acarretou de fato, que gerações acadêmicas se constituíram desconhecendo totalmente a existência da trajetória e conjunto dessa obra. Realidade que só começa a

⁴ Tais como, Caio Prado Júnior (1907-1990), Edison Carneiro (1912-1972), Jorge Amado (1912-2001) e Néelson Werneck Sodré (1911-1999).

ser modificada - entre final dos anos 1960 e começo dos 1970 - quando aqueles aos quais representava como atores sociais e políticos modernizantes e revolucionários de nossa história e sociedade resgataram a exuberância inovadora e original do artesanato intelectual de Moura (SODRÉ, 1976).

O exercício dessa radicalidade intelectual negra e popular, que acabaria por constituir uma nova característica dos estudos com temáticas sociais, em especial os relacionados as populações negras e do racismo e racialismo no Brasil. Por uma centralidade teórica-política em que a nossa dialética racial não fosse secundária, mas o cerne político decisório de nossa constituição e desenvolvimento enquanto sociedade moderna na parte sul da América.

Um intelectual que quando conseguia romper as clivagens que lhe eram impostas a circulação e reconhecimento de sua obra e trajetória, ainda sofria com os rótulos que comumente se fazem imputar as intelectualidades não brancas em seus exercícios de pensata, as suas obras e discursivas. De possuir uma radicalidade exagerada, em excesso, sem valor científico de criticidade, propaganda panfletária que sobrepunha interesses ideológicos e políticos acima de uma práxis de fato e verdadeiramente intelectual. Uma radicalidade que para alguns é louvada enquanto forma de autenticidade e compromisso intelectual. De uma paixão científica e investigativa que deve ser reverenciada e celebrada! Menos quando se dá por narrativas e autorias que se dão fora dos padrões sociais e raciais hegemônicos de nosso país.

Esse processo de seletividade se dá inserida a tradição normativa do pensamento social brasileiro. Que através de seu cânone epistemológico, deslegitima e desqualifica o exercício público conceitual-ideológico dessas pensatas que se dão por atores sociais que conscientemente optam em não legitimar os padrões hegemônicos das relações de poder e alienação características de nossa sociedade. Não sendo permitido a estas o exercício da sua livre radicalidade teórica e conceitual, nem de sua própria construção enquanto crítico social, que se dê enquanto contradição ou mesmo negação às nossas ideologias

dominantes de cunho reacionário e discriminatório que acabam por justificar nossa incompletude civilizatória.

O que, para Moura, se torna mais evidente quando ele passa a assumir de maneira pública - tanto em palestras, quanto em sua produção textual a partir do começo dos anos 1970 - sua condição de intelectual negro (MOURA, 25/09/1974). Em meio a um cenário ditatorial com o seu discurso oficial ideológico de vivermos em uma sociedade socialmente harmoniosa e racialmente democrática, livre da existência do racismo.

Uma prática ideológica alienante e discriminatória, que passa a ser rotulada tanto a sua pessoa, quanto a sua obra, a partir de parcela hegemônica da intelectualidade acadêmica nacional, que lhe estipula a pecha pejorativa de um radical militante rancoroso, sem méritos para ser de fato um verdadeiro cientista social e historiador. Tratamento destinando a obra e trajetória de Moura que que de certo modo, mesmo que por vezes numa discursiva dissimulada ou mais cordata, ainda se faz presente até a nossa contemporaneidade. E que de certo modo, mesmo que por vezes numa discursiva dissimulada ou mais cordata, ainda se faz presente até a nossa contemporaneidade.

Embora não possamos afirmar que houve uma intencionalidade proposital de ação, é fato que houve uma série de conjunções que acabaram por acarretar um apagamento do processo formativo da intelectualidade mouriana. Por isso, exercer imaginação sociológica acerca da constituição de um padrão de epistemicídio usual, comum, em meio aos conjuntos dos pensamentos sociais no Brasil, que sempre se manifestam em relação as construções de pensatas, e as suas autorias, que se dão fora dos padrões legitimados de nossa sociedade. Em outras palavras, quando grupos socialmente minorizados exercem trajetórias e análises em discordância ou conflito em relação as discursivas e ideologias hegemônicas, eles acabam tendo seu processo intelectual renegado, quando não ignorado ou apagado em suas ocorrências e potências.

Nesse aspecto, o tratamento destinado a Moura é uma representação perfeita de um sistema universitário que mesmo originado e inserido a uma sociedade racialmente partida, se postula enquanto além, não afetada, por nossos conjuntos relacionais de poder e dominação que nos caracterizam historicamente enquanto uma nação elitista, de cunho racista e socialmente inconclusa.

Mas que acaba por perpetuar e reproduzir os elementos e as práticas de exclusão, silenciamento e apagamento em relação as populações negras, quando não valoriza ou renega as pensatas não institucionalizadas e antissistêmicas que se originam diretamente desta população.

Realidade a qual Moura tinha plena consciência e optava por confrontar por meio da continuidade de sua produção de pensata popular e pública. Em que a sua afirmação de intelectualidade se dava em conjunto com a sua afirmação de pessoa negra nascida e crescida em meio a uma sociedade sistematicamente racista. Não sendo por acaso que, a partir dessa premissa, é perceptível uma agressividade discursiva na sua produção bibliográfica científica, no sentido de uma radicalidade de seus recortes analíticos e investigativos a partir dos anos 1970 (MOURA, 10/05/1978).

De enfrentamento público contra um Sistema que ainda se dava pela falácia da ideologia da democracia racial, tendo como uma de suas searas desse embate intelectual-ideológico sua contradição explícita ante a postura alienante, portanto racista e elitista, da intelectualidade acadêmica no Brasil. Sem esquecer de ressaltar que também se dá sua maior circulação e reconhecimento internacional enquanto um intelectual de primeira ponta, sendo legitimado e referendado por uma série de seminários, comunicações e debates que se fez participante ao que de mais moderno e significativo havia em meio aos estudos afro-diaspóricos, de luta contra o racismo e negritude (latino)americana.

O que nos situa ante o fato que o reconhecimento e valorização acadêmico e político – por meio da recepção e circulação de sua obra

e trajetória - em relação a Clóvis Moura no cenário internacional⁵, se deu décadas antes de sua contraparte nacional⁶, de um processo que ainda se encontra em andamento por estas terras. Demonstrando o quanto o racismo é elemento que ainda se faz constante ao nosso universo acadêmico institucional, apesar dos avanços e conquistas que se fizeram impor nas últimas décadas.

Um intelectual dono de uma das interpretações mais originais e radicais sobre a formação social brasileira. Sem medo de constituir uma trajetória libertária de pensamento, caracterizada pela centralidade da população negra enquanto ator social coletivo pela formação e modernização do Brasil enquanto sociedade, num sentido popular de projeto nacional. Nem que para isso houvesse de estabelecer divergência e especificidade em relação não só a historiografia tradicional, quanto até mesmo ao campo progressista do pensamento social brasileiro (MOURA, 1987) que não tinha como centralidade, por vezes nem em foco, os processos de resistências afro-brasileiras como elementos políticos fundamentais de nossa historicidade e formação social.

Além de romper duplamente com a narrativa ideológica acerca da neutralidade científica para constituição de teorias e práticas intelectuais (MOURA, 1987; 1978), inserindo a questão de raça-racialismo em primeira pessoa no campo historiográfico e sociológico nacional, se co-

⁵ Como pode ser observado através de seu conjunto de correspondências com intelectuais como Manuel Zapata Olivella (1920-2004), correspondência de 3 de Março de 1977, Jean Ziegler, correspondência de 24 de Setembro de 1976, Wayne A Cornelius, correspondência de 31 de Dezembro de 1976, A Faulkner Watts (1913-1998), correspondência com data aproximada do ano de 1983, e órgãos internacionais como a UNESCO, através de correspondência enviada a Augustin Carrera em 24 de Setembro de 1976 - que se encontram arquivadas no Fundo Clóvis Moura do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista/CEDEM-UNESP - e acadêmicos (LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION-LASA, VOL. VIII/N4, DECEMBER/1977).

⁶ Em que o recebimento do título de Notório Saber pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) no início dos anos 1980., se dá enquanto momento de inflexão, desse processo de reconhecimento formal, por parte da academia brasileira.

locando e se assumindo socialmente enquanto uma pessoa negra nesse processo. Ao associar a sua própria humanidade ao seu livre exercício de sua intelectualidade enquanto representação de uma negritude oriunda das especificidades das relações sociais nacionais.

Obra ao qual sempre defendeu a mesma legitimação e validade tal qual as demais produções intelectuais, que mesmo oriundas de atores sociais inerentes a uma sociedade marcada pela dualidade dialética de *senhores x escravizados*, baseada em critérios raciais, pertencentes - direta ou indiretamente - as elites nacionais e aos seus interesses classistas de manutenção hegemônica de privilégio e poder, não tiveram ao longo de nossa história sua condição científica e intelectual questionada ou barrada, por sua origem racial ou de classe.

Em contrário do que ocorre quando as autorias de pensata e práxis intelectuais se dão por pessoas consideradas “não brancas”. Como se não ter pertença, base ideológica, ou referência social, a partir de valores eurocêntricos de sociedade hegemônica, fosse condição proibitiva determinante para o exercício pleno de intelectualidade. Como se a estas populações historicamente e socialmente minorizadas, não fossem capazes de geração crítica de conhecimento e poder.

5-) Conclusão: A importância de um legado intelectual insurgente e radicalmente revolucionário!

Muitos dos embates enfrentados por Moura ao longo das mais de seis décadas de atuação intelectual militante foram motivados pelo enfrentamento a essa realidade não assumida ou formalizada, mas fundante e característica de nosso padrão de legitimação e reconhecimento intelectual. Mas, para que não ocorra interpretação errônea ou torpe de nossa análise, que fique nítido que não se considera as críticas, considerações, divergências, discordâncias e confrontações com a obra mouriana ou ao seu exercício intelectual como puramente racista. Nem que a totalidade das posições em desacordo com o conjunto histórico-sociológico de Clóvis Moura se deu também por esse motivo.

Pois nenhum autor ou teoria está imune a críticas, revisões e discordâncias.

O que pauta nossa análise, em seu sentido de reflexão compartilhada e problematização sociológica, é situar que muito do processo de invisibilização e apagamento epistemológico dessa obra-trajetória se deu por essa lógica racista e caracterizante de nosso cânone intelectual academicista. Em que a sua efetiva superação só se dará enquanto realidade, se tal fato deixar de ser um tabu para ser cada vez mais questionado, confrontado e superado em sua totalidade.

Para isso, inserindo a etapa de recuperação e validação do conjunto da obra de Moura iniciado entre o final da primeira década do século XXI, que se aprofunda e radicaliza desde então, aumentando cada vez mais o seu alcance e impacto, como exemplo dessa busca em se superar nossa herança racista intelectual que ainda encontra morada segura e aconchegante em grande parte de nossa intelectualidade científica, mesmo que por vezes de forma não intencional ou inconsciente.

Um legado intelectual imprescindível para se buscar compreender o Brasil em todas as suas complexidades, contradições e potências (RIBEIRO, 2023). De um rebelde com causa, incansável em sua luta revolucionária tanto para revisitar aquilo que fomos e somos enquanto nação incompleta em direitos e cidadania, mas principalmente aquilo que poderemos vir a ser de fato. Assim visando para a constituição de uma sociedade plena em seu conjunto social, finalmente livre de nossa herança escravocrata. Rompendo nossa normalização social de abusos, alienação e exploração de determinados grupos humanos sobre outros, que se radicalizou em seu racismo e discriminação a partir de nossa modernização conservadora republicana inserida ao modelo capitalista internacional periférico (MOURA, 10/05/1978; MOURA, 1977; MOURA, 25/09/1974).

Em que a obra e trajetória de Clóvis Moura desde sempre se fez insurgir⁷, dando voz e inserindo ao debate político-intelectual nacional

⁷ Desde antes de seu livro basilar “Rebeliões da Senzala” - que receberia novas

as historicidades e sociabilidades dos que sempre viveram a margem do Brasil real. Para desespero de nossas elites sempre ciosas em manter a preservação dessa ordem social arcaica e assassina, de uma sociedade planejada para o uso e benefício de poucos.

Numa época de florescimento do reacionarismo fascista e de livres manifestações racistas, em que o intolerável é protegido e resguardado com total zelo. Obras como a de Moura, radical em seu compromisso intelectual e em sua humanidade, se fazem mais que necessárias, tanto quanto referencial, como inspiração, de que não há mal que dure para sempre, nem mentira que seja eterna! De que a luta e a constituição de um outro mundo, de um outro modelo de sociedade humana, se faz mais que urgente!

Como todo comunista, um ser de alma utópica, guiado por um humanismo universal fraterno, tomado pelo radical espírito revolucionário de mudar o mundo! Moura foi um militante político que enfrentou duas ditaduras (Vargas e Militar), perseguições políticas, fugas, clandestinidade, ao mesmo tempo que buscava meios para sustentar sua família. Tudo isso sem deixar de ser possuidor de um humor ferino, sempre com uma verve ácida, que não perdoava nem a si mesmo. Sendo essa característica de sagacidade mordaz, por várias vezes presente em suas análises e [em]bates teóricos e políticos. Ainda desenvolvendo em meio a tudo isso uma trajetória intelectual nada usual de pensador social e intérprete do Brasil independente e libertário.

reescritas e versões ao longo das décadas, a partir dos [em]debates com Donald Pierson (1900-1995) correspondências de 20/10/1947; 30/08/1944, Emilio Willems (1905-1997) correspondência de 09/02/1947, Arthur Ramos (1903-1947) correspondência de 21/11/1945 - que se encontram arquivadas no Fundo Clóvis Moura do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista/CEDEM-UNESP - passando pela boemia intelectual na "Academia dos Rebeldes" em Salvador, assim como as suas primeiras pesquisas sobre a questão racial no Brasil, no tempo de Juazeiro [BA], publicados em artigos na "Revista Brasiliense", como por exemplo "Notas sobre o Negro no Sertão" [n.º 24, de 1959] e "A grande insurreição dos escravos baianos" (n.º 16, de 1958), sem deixar de citar a história em quadrinho "Zumbi" (1955), em parceria com Álvaro de Moya", além da sua própria militância - partidária ou não - comunista.

Um homem de tantas vidas em uma só, intensamente vividas, todas ao mesmo tempo! De plena paixão entre o êxtase da rebeldia e a objetividade furiosa de romper os padrões estabelecidos. Sempre na busca pela construção de um outro e melhor Brasil, de um outro e melhor mundo!

O que situado ante a realidade brasileira passa pelo enfrentamento e superação de nosso racismo estrutural e valorização das lutas e reivindicações ancestrais e contemporâneas da negritude popular brasileira. Na certeza da luta revolucionária, de que a primavera dos novos e melhores tempos se fará florir! Processo árduo, mas necessário, pela busca daquilo que de melhor podemos e seremos vir a ser. Que saibamos aprender e fazer jus a esse seminal legado político e militante progressista. Exemplo daquilo que temos de melhor e mais libertário no universo intelectual brasileiro.

Uma pensata mais viva, atual e necessária do que nunca!

Ontem, hoje e sempre: CLÓVIS MOURA VIVE! VIVA CLÓVIS MOURA!

Referências

Arquivos Sonoros

MOURA, Clóvis; GORENDER, Jacob [et al.]. Cinema e Escravidão: A História do Tráfico e da Escravidão [Parte 1/3]. 26/08/1988a. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/cinema-e-escravidao-historia-do-traffic-e-da-escravidao-parte-13-0>, acessado em 16/11/2025.

MOURA, Clóvis; GORENDER, Jacob [et al.]. Cinema e Escravidão: A História do Tráfico e da Escravidão [Parte 1/3]. 26/08/1988a. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/cinema-e-escravidao-historia-do-traffic-e-da-escravidao-parte-13-0>, acessado em 16/11/2025.

MOURA, Clóvis; GORENDER, Jacob [eat al.]. Cinema e Escravidão: A História do Tráfico e da Escravidão [Parte 2/3]. 26/08/1988b. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/cinema-e-escravidao-historia-do-traffic-e-da-escravidao-parte-23>, acessado em 16/11/2025.

MOURA, Clóvis; GORENDER, Jacob [eat al.]. Cinema e Escravidão: A História do Tráfico e da Escravidão [Parte 3/3]. 26/08/1988c. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/cinema-e-escravidao-historia-do-traffic-e-da-escravidao-parte-33>, acessado em 17/11/2025.

MOURA, Clóvis; KRENAK, Aílton [eat al.]. O índio e o negro na formação cultural brasileira. [27/11/1984]. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/o-indio-e-o-negro-na-formacao-cultural-brasileira>, acessado em 18/11/2025.

MOURA, Clóvis. Revoltas negras no Brasil [09/11/1984]. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo*. In <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/o-indio-e-o-negro-na-formacao-cultural-brasileira>, acessado em 18/11/2025.

Correspondências

Carta de A Faulkner Watts para Clóvis Moura, 17 de outubro de 1983. Fundo Clóvis Moura, CEDEM, UNESP. Caixa CM 10. Acesso em 17 de dezembro de 2025.

Carta de Arthur Ramos para Clóvis Moura, Rio de Janeiro, 15 de março de 1946. Fundo Clóvis Moura, CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 10 de julho de 2018.

Carta de Clóvis Moura para Arthur Ramos. JUAZEIRO, 21 de NOVEMBRO de 1945. ACERVO DIGITAL da BIBLIOTECA NACIONAL, ARQUIVO NEGROS-BAHIA. - Carta a Arthur Ramos, pedindo alguns esclarecimentos a respeito do negro no Brasil, fazendo indagação sobre a figura de proa dos barcos do Rio São Francisco, pedindo esclarecimentos sobre o grupo de negros “Lingua de Fogo”, e informando que está preparando algumas notas sobre a sobrevivência da cultura negra no Brasil. In: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302431/mss1302431.pdf, acesso em 10/09/2024.

Carta de Clóvis Moura para Augustin Catera, 13 de setembro de 1976. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 23. Acesso em 17 de dezembro de 2025.

Carta de Arthur Ramos para Clóvis Moura, Rio de Janeiro, 15 de março de 1946. Fundo Clóvis Moura, CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 08 de dezembro de 2025.

Carta de Caio Prado Júnior para Clóvis Moura, 21 de julho de 1952. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 10 de outubro de 2025.

Carta de Caio Prado Júnior. para Clóvis Moura, São Paulo, de 08 de março de 1949. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa CM 01. Acesso em 08 de dezembro de 2025.

Carta de Clóvis Moura para Caio Prado Júnior, Juazeiro, 24 de março de 1949. Acervo Caio Prado Júnior, Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. CPJ-CP-MOURA002, Caixa 62. Acesso em 20 de novembro de 2025.

Carta de Clóvis Moura para Caio Prado Júnior, Juazeiro, 19 de fevereiro de 1949. Acervo Caio Prado Júnior, Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. CPJ-CP-MOURA001, Caixa 62. Acesso em 19 de outubro de 2025.

- Carta de Clóvis Moura para Manuel Zapata Olivella, 03 de março de 1977.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 6. Acesso em 23 de novembro de 2025.
- Carta de Donald Pierson para Clóvis Moura, 19 de maio de 1948.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- Carta de Donald Pierson para Clóvis Moura, 27 de outubro de 1947.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- Carta de Edison Carneiro para Clóvis Moura, 17 de setembro de 1951.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 07 de novembro de 2025.
- Carta de Emílio Willems para Clóvis Moura, 08 de maio de 1947.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- Carta de Emílio Willems para Clóvis Moura, 30 de julho de 1946.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- Carta de Jean Ziegler para Clóvis Moura, 24 de setembro de 1976.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 5. Acesso em 17 de dezembro de 2025.
- Carta de Jorge Amado para Clóvis Moura, 26 de agosto de 1963.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 01. Acesso em 07 de outubro de 2025.
- Carta de Manuel Zapata Olivella para Clóvis Moura, 06 de agosto de 1976.* Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 4. Acesso em 23 de setembro de 2025.

Carta de Nelson Werneck Sodré para Clóvis Moura, 17 de abril de 1962. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 02. Acesso em 23 de setembro de 2025.

Carta de Wayne A Cornelius para Clóvis Moura, 22 de julho de 1977. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 6. Acesso em 17 de dezembro de 2025.

Carta de Wayne A Cornelius para Clóvis Moura, 14 de setembro de 1976. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 5. Acesso em 17 de dezembro de 2025.

Cópia de carta para Divisão de Estudos Culturais e Circulação da UNESCO de Clóvis Moura para Augustin Catera, 24 de setembro de 1976. Fundo Clóvis Moura. CEDEM, UNESP. Caixa CM 23. Acesso em 17 de dezembro de 2025.

Bibliografia

ROCHA, Gabriel dos Santos. Clóvis Moura: sociabilidade e formação intelectual (1940-1950). *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, n. 00, e021020, jan./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15871>

LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION-LASA, VOL. VIII/N4, DECEMBER/1977.

MALATIAN, Teresa. UM JORNALISTA COMBATENTE: Clóvis Moura, Flama e a política cultural do PCB (1951-1952). *História*, vol. 37, p. 1-23, São Paulo, 2018/2019. <https://www.scielo.br/pdf/his/v38/1980-4369-his-38-e2019008.pdf>

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5ª. Edição. São Paulo: Anita Garibaldi co-edição Fundação Maurício Grabois, 2014. p. 13- 15.

- MOURA, Clóvis. Devoremos a esfinge antes que ela nos decifre. (O papel do sociólogo numa sociedade democrática). Princípios. Revista teórica, política e de informação. São Paulo, n. 14, p. 53 - 60, 1987.
- MOURA, Clóvis. O 13 de maio libertou o negro. E depois, o que foi feito dele? *DIÁRIO POPULAR*, 10/05/1978. FUNDO CLÓVIS MOURA – CEDEM/UNESP.
- MOURA, Clóvis. *A sociologia posta em questão*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1978. 133p.
- MOURA, Clóvis. *O Negro, de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Conquista, 1977. (Temas brasileiros, v. 21).
- MOURA, Clóvis. O negro – imagem deformada na sociedade de classes. *FOLHA DE LONDRINA*, 25/09/1974. FUNDO CLÓVIS MOURA – CEDEM/UNESP.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala (Quilombos, Insurreições, Guerrilhas)*. São Paulo: Edições Zumbi. 1959a.
- MOURA, Clóvis. Notas sobre o Negro no Sertão. São Paulo: Revista Brasiliense, nº. 24, 1959b.
- MOURA, Clóvis. A grande insurreição dos escravos baianos. São Paulo: Revista Brasiliense, nº. 16, 1958.
- MOURA, Clóvis & MOYA, Álvaro de. *Zumbi dos Palmares*. São Paulo: Editora La Selva, nº. 16, novembro de 1955 [Aventuras Históricas].
- MUNANGA, Kabenguele. Prefaciando *Rebeliões da Senzala* de Clóvis Moura. In: *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5.ed. São Paulo: Anita Garibaldi coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2014. p. 13-15.

- OLIVEIRA, Dennis de. Reposicionando Conceitualmente o Negro Brasileiro no Olhar de um Intelectual Negro. In: MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. Edição: Perspectiva, 2019. p. 9 – 13. (Palavras negras)
- RIBEIRO, Christian. Posfácio. In: Brasil: as raízes do protesto negro. São Paulo: Editora Dandara, 2023. p. 327-343.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. 4. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1976. (Coleção RETRATOS Do BRASIL – vol. 54).
- TRINDADE, Solano. (Contracapa) In: MOURA, Clóvis. *Espantinho na feira (POESIA)*. São Paulo: Editora Fulgor, 1961.